

PERSPECTIVAS DA CRIAÇÃO DE PORCOS MONTEIRO NO BRASIL

Rodiney Mauro¹, Marta Pereira² e Rita Paes³

1 Embrapa Gado de Corte. Rod. BR 262, km4, 79002-970, Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: rodiney@cnpqc.embrapa.br

2 Embrapa Gado de Corte. E-mail: martha@cnpqc.embrapa.br

3 IAGRO, Agência de Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetação.

Introdução

Os primeiros porcos domésticos que chegaram nas Américas foram trazidos por Cristóvão Colombo, em sua segunda viagem a Santo Domingo, em 1493. No Brasil foram introduzidos em 1532 por Martín Afonso de Souza.

A introdução de porco doméstico no Pantanal Mato-Grossense ocorreu a partir do século XVI, quando o centro de país começou a ser visitado por espanhóis e portugueses em busca de ouro e prata. Posteriormente, vieram as "Bandeiras", grupos organizados de exploradores, com o propósito de capturar índios para o trabalho nas áreas de lavoura de litoral paulista (Proença, 1992). Muitas foram as expedições que sucumbiram aos ataques dos índios Kadiwéus, Guatós e Bororos. Com o objetivo de ocupar a região definitivamente, o governo português doou "sesmarias" que eram grandes extensões de terras que se transformaram em latifúndios a medida que seus proprietários iam requerendo mais terras, seja para lavoura ou pastagem (Proença, 1992). Ocorreu, então, a introdução de bovinos juntamente com a criação de porcos, galinhas, perus, facilitando a permanência do homem na região.

Os primeiros porcos domésticos que chegaram a Brasil eram principalmente das raças alentejana, galega, bizarra, beiroa, Macau e China. As raças nacionais portanto são resultados de cruzamentos entre animais daquelas raças, porém pode haver alguma influência de outras raças introduzidas posteriormente.

Em 1864, com a Guerra da Triple Aliança contra o Paraguai, muitas fazendas foram saqueadas, as plantações destruídas e o gado apreendido pelos paraguaios. Os moradores fugiram abandonando suas terras e animais a sua própria sorte, entre os quais o porco doméstico. Este encontrou boas condições de vida e se tornou semi-selvagem passando a ser chamado de "porco monteiro". Este nome tem sua origem numa mistura do idioma português e o castelhano que predominava na época. As áreas

de mata da região são denominadas em castelhano de “monte”, então os porcos domésticos que viviam nelas passaram a ser chamados “montero”, ou seja “del monte”; em português ficou “do monte”, e finalmente resultou em porco monteiro. As condições do meio selecionaram adaptações fisiológicas e comportamentais que refletiram na sua morfologia assemelhando-se a seus ancestrais selvagens e diferenciando o mesmo, cada vez mais, do porco doméstico, apesar de ser a mesma espécie.

Então o porco monteiro (*Sus scrofa*, Linnaeus) se originou do porco doméstico de origem ibérica que, se tornou feral, porque foram criados livres ou porque tiveram suas criações abandonadas.

É um animal altamente adaptável aos diversos *habitat* da região. Uma das adaptações foi a seleção dos alimentos ofertados na região. A pesquisa sobre o hábito alimentar de uma determinada espécie pode ser realizada usando, entre outros materiais, as fezes, coletadas diretamente no campo, os conteúdos estomacais, obtidos de animais mortos em caçadas ou acidentes. Paes (1995) realizou um estudo sobre a dieta do porco monteiro na sub-região da Nhecolândia, no Pantanal. Estudo desta natureza subsidia informações para o manejo de uma espécie em particular, através da qual, se pode verificar os principais alimentos, assim como os preferidos pelos animais. Informações adicionais podem ser agregadas a este estudo como p. ex. avaliar os danos causados as plantações agrícolas; a seleção na utilização de determinados alimentos; a observação da predação de uma espécie sobre a outra; a sazonalidade e disponibilidade dos alimentos e; a dinâmica de uma população e sua relação com fatores nutricionais tais como a influência da dieta na reprodução, crescimento, manutenção ou declínio desta (Korschgen, 1987).

Descrição da área de estudo

O Pantanal Mato-Grossense é uma imensa planície inundável, possuindo 138.183 km² (Abdon e Silva, 1997). O Pantanal é interpenetrado por quatro províncias fitogeográficas: Cerrado, Chaco, Amazônia e Floresta Meridional Atlântica. Apresentam em suas diversas sub-regiões paisagens distintas, devido ao tipo de bioma adjacente, ou devido ao resultado da duração e altura das inundações e do tipo de solo. Tomando em conta este último fator podemos dividir o Pantanal em duas grandes áreas: o arenoso e o argiloso.

A maior parte das informações existente sobre porco monteiro é da região central do Pantanal, na Nhecolândia, que é uma área de solos predominantemente arenosos. O clima nessa sub-região é tropical sub-úmido (Aw de Köppen) com estações chuvosas e secas bem definidas. A precipitação anual pode oscilar entre 800 e 1400 mm. A temperatura média mensal oscila entre 18° e 28°, sendo 26°

C a media anual, segundo Cadavid-García (1984). As geadas são pouco freqüentes. Nessa sub-região predomina o Cerrado. Genericamente, se pode dizer que as formações campestres ocorrem nas áreas inundáveis, e as formações arbóreas ocorrem nas áreas não inundáveis, ou seja nas cordilheiras.

A flora do Pantanal arenoso é composta em sua grande maioria por famílias de Cerrado, como Bombacaceae, Caryocaraceae, Cochlospermaceae, Connaraceae, Opiliaceae e Simaroubaceae. Existem entretanto espécies comuns com as savanas e campos sul-americanos, como muitas gramíneas, leguminosas herbáceas, *Byrsonima*, *Polygala* e Turneraceae (Mauro *et al.*, 1997)

O mesorelevo é bem marcado, apresentando uma catena desde lagoas temporárias e lagoas permanentes, denominadas localmente “baías”; um campo adjacente e elevações arenosas em forma de cordões, denominado localmente “cordilheiras”. Também existem lagoas com alta salinidade, denominada “salina”. Outra catena, partindo de um mesorelevo mais deprimido até um mais elevado é: Vazante, por onde escorre a água durante o final da época de inundação; Campo limpo; Campo Cerrado com gramíneas e com árvores dispersas; Campo com capim carona (*Elyonurus muticus*) e “Cordilheira”, na qual aparecem formações de Cerrado.

Descrição do porco monteiro

São porcos do tipo pequeno a médio, apresentando cerdas de cor negra, com o peso médio de 75 quilos, sendo que o macho pode alcançar, quando adulto e castrado, de 100 a 150 quilos em manejo extensivo e facilmente 200 quilos em animais confinados. De muita rusticidade, nas criações melhoradas já apresentam bastante precocidade, produzindo bom e rápido desenvolvimento. O porco monteiro apresenta perfil retilíneo, com orelhas do tipo Ibérico. Esqueleto delgado, com boa musculatura, mas nos animais confinados se pode ter um grande rendimento de gordura. A conformação em geral ainda deixa a desejar, mas existe a intenção de melhorar os animais que são mantidos em regime intensivo. Devido a sua rusticidade, são porcos muito indicados para o sistema de criação a campo (em pastoreio), com um suplemento de ração. As fêmeas são boas mães, produzindo leitegadas de 5 a 8 leitões, com peso médio, ao nascer, de 0,600 Kg. Os porcos monteiros castrados podem ser cevados com a idade de 12 meses, necessitando um período de 4 meses para a completa engorda.

O cruzamento de porco monteiro com raças estrangeiras melhoradas (Duroc, Landrace, Poland-China, etc.) produzem excelentes produtos, de muita precocidade, fácil engorda e grande rendimento.

Características externas da raça de porco monteiro do Pantanal

Em comparação com o porco doméstico esta raça de suíno se caracteriza por ter pelo mais grosso (com uma crista muito parecida a crina situada ao longo do dorso). A cabeça não é muito volumosa porém é longa, os pés são de tamanho médio, corpo potente porém estreito, tem uma grande capacidade para correr e lutar. Os animais adultos são em sua maioria negros, ou castanho. Os leitões não possuem listras como os javalis.

Geralmente, os porcos monteiros machos são animais de pele negra, com pelos longos na costa. Tem pernas bem longas apropriadas para a fuga de predadores. O nariz é longo, possuindo na extremidade, um "disco" móvel e os dentes (presas) são longos e direcionados lateralmente, diferente dos taitaçuídeos (*Tayassu pecari* e *Tayassu tajacu*), que são porcos domésticos selvagens autóctones do Novo Mundo.

Vivem em manadas constituídas de 1 a 2 fêmeas e suas proles. Às vezes ocorrem a presença de machos que não atingiram maturidade sexual. Quando a manada é surpreendida por um predador, todos correm na mesma direção protegendo os leitões.

Os machos alcançam maturidade sexual aos 7 ou 8 meses de idade e se tornam solitários com 1 a 2 anos de idade. A presença de macho adulto na manada, pode indicar que uma fêmea se encontra no período de cio (Graves, 1984).

Sua capacidade pulmonar é grande, devido ao desenvolvimento de suas cavidades nasais e também a grande cavidade torácica. Devido a sua pouca evaporação cutânea os animais estão sempre perto das áreas com muita água, como lagoas, rios, etc. Somente são vistos em ambientes abertos quando a temperatura está baixa ou em dias nublados.

Os machos adultos, na sub-região de Nhecolândia, pesam ao redor de 80 Kg (ES 3,33). As fêmeas pesam cerca de 70 Kg (ES 3,36).

Dieta

Em cativeiro se alimentam de tudo, comendo plantas herbáceas e outros vegetais como mandioca, tubérculos e grãos. Comem também produtos de origem animal, além de ração para suínos. No ambiente natural os animais comem principalmente vegetais terrestres e aquáticos (82,50%; n=46 estômagos) (Paes *et al.*, 1997).

Os resultados de estudos da dieta de animais, submetidos ao manejo extensivo, confirmaram o hábito generalista de porco monteiro. Conforme Paes *et al.* (1997), os vegetais corresponderam a

81,6% de peso total da mostras se constituindo na base alimentar para o porco monteiro. Os frutos terrestres foram encontrados em todos os conteúdos estomacais, sendo o alimento mais consumido vegetais em geral. Inseto foi o item animal com maior frequência de ocorrência, entretanto peixe contribuiu com maior peso. Na análise entre as idades, demonstrou diferença na alimentação das crias comparada com os sub-adultos e adultos. Quanto ao sexo, os resultados também apontaram diferença entre machos e fêmeas. Frutos predominaram na dieta dos machos, ao contrario das fêmeas, cujo valor desse item foi semelhante ao de sedimento e vegetal não identificado.

Entre os locais, ficou evidenciado a diferença na obtenção de itens de acordo com os ambientes predominantes. Observou-se maior peso das amostras e diversidade de itens para a estação seca.

Algumas categorias alimentares como bromeliácea, gramínea, molusco, folhas aquáticas e peixes se destacaram na estação seca, e flor aquática e anelídeos, na estação de inundação. Este trabalho veio a confirmar a característica de animais oportunistas quanto a dieta.

Comportamento

A atividade diária dos porcos monteiros depende de local, estação de ano, clima, pressão de caça e disponibilidade de alimento (Graves, 1984). Em áreas onde a caça não é comum, os porcos são avistados ao longo do dia, o contrario ocorre em locais onde a caça é frequente e os porcos adquirem o hábito noturno.

As fêmeas constroem ninhos para a parição. O ninho é formado por uma pequena escavação no solo ou por acúmulo de vegetação no local, apresentando também uma depressão no centro onde a fêmea se deita (Graves, 1984). No Pantanal se tem registro de ninho construído perto de uma área de capim carona (*Elyonurus muticus*), formando um emaranhado de vegetação, protegendo os leitões de intrusos (H. Herrera, com. pess.).

A época de parição parece variar de acordo com a região. Graves (1984) cita em seu trabalho, o conhecimento dois tipos de estação de parição: a unimodal, com um pico de nascimento, e a bimodal, com dos picos. Lourival (1993), durante seu trabalho na região de Nhecolândia, conseguiu avistar leitões em todas as épocas de ano.

Os porcos monteiros que são manejados nas fazendas são brigões, e muito valentes. São capazes de afugentar a maioria de seus inimigos, incluso o ser humano. Usam suas presas para sua defesa ou ataque, mas em general são animais tranquilos e tímidos evitando o contato com o homem.

Situação atual

No Pantanal os porcos monteiros são mais abundantes na sub-região de Aquidauana assim como nas áreas que apresentam pouca amplitude de inundação nas sub-regiões da Nhecolândia e Paiaguás. O cálculo do tamanho populacional ainda é muito impreciso, e se encontra na ordem de 9.800 (ES 1.200) grupos de porco monteiro no Pantanal.

No estado de Mato Grosso existem criadores que tem levado exemplares da região pantaneira para começar uma criação mais organizada assim como para difundir a raça.

Repercussões sociais e sistemas de exploração

No Pantanal de Nhecolândia, os porcos monteiros se constituem na principal espécie de caça. Esta é uma atividade tradicional na região. É praticada pelos moradores locais para consumo de carne e gordura. A Legislação Brasileira, na lei 5197, art. 8º, parágrafo único, que dispõem sobre a proteção da fauna, permite "a caça, perseguição ou coleta de animais domésticos que por abandono, tenham se tornado selvagens ou feral", sendo que em algumas fazendas é a única espécie com permissão para ser caçada pelos empregados. Este fato parece diminuir a pressão de caça sobre as espécies de porcos nativos (*T. tajacu* e *T. pecari*) assim como sobre as outras espécies consideradas cinegéticas. Quando não são mortos para o consumo humano, os porcos são castrados e soltos novamente, tendo como objetivo a engorda rápida de machos e também para tirar a "remosidade" (mau paladar) através de esgotamento da glândula prepucial (Lourival, 1993). A ponta da cauda é cortada para marcar os animais castrados, e facilitar a identificação destes indivíduos no campo.

Apesar da utilização do porco monteiro pelos empregados das fazendas, um censo de mamíferos realizados na Fazenda Nhumirim, na região da Nhecolândia por Alho *et al.* (1988), mostrou que o porco monteiro foi a segunda espécie mais avistada no censo diurno e a terceira espécie no censo noturno. Ou seja, o impacto do aproveitamento destes animais por habitantes da região não prejudicou a população, muito pelo contrario. Isto significa que o tipo de manejo, como o que é realizado no Pantanal, não é deletério para a raça.

Na página oficial do IBAMA, existem informações com a função de tirar as dúvidas da população sobre o que é um animal silvestre, doméstico e exótico. As definições registradas são as seguintes:

I - Animal silvestre: são aqueles pertencentes às espécies nativas, migratórias e qualquer outra, aquáticas ou terrestres, que tenham sua vida ou parte dela ocorrendo naturalmente dentro dos limites do

Território Brasileiro e suas águas jurisdicionais.

Exemplos: morcegos, quati, onça, tamanduá bandeira, ema, papagaio, arara, teiú, jacaré, abelha, vespa, borboleta, aranha e outros cujo acesso, uso e comércio é controlado pelo IBAMA.

II - Animal exótico: são aqueles cuja distribuição geográfica não inclui o território brasileiro. As espécies ou subespécies introduzidas pelo homem, inclusive domésticas, em estado selvagem, também são consideradas exóticas. Outras espécies consideradas exóticas são aquelas que foram introduzidas fora das fronteiras brasileiras e suas águas jurisdicionais e que tenham entrado espontaneamente em território brasileiro.

Exemplos: leão, zebra, elefante, urso, lebre-européia, javali, crocodilo-do-nylo, píton, tartaruga-mordedora, tartaruga-tigre-da-água, cacatua, e outros.

III - Animal doméstico: são aqueles animais que através de processos tradicionais e sistemas de manejo e melhoria zootécnica se tornaram domésticos, possuindo características biológicas e comportamentais em estreita dependência do homem, podendo inclusive apresentar aparência diferente da espécie silvestre que os originou.

Exemplos: gato, cachorro, cavalo, vaca, búfalo, *porco doméstico*, galinha, pato, marreco, pombo, rato, peru, avestruz, codorniz-china, canário-belga, periquito-australiano, abelha-européia, minhocas, escargot, mandarim, agapornis, entre outros.

Poderão ser controlados pelo IBAMA, caso seja verificado danos à fauna silvestre e ecossistemas, quando em vida livre. O controle se dará através das Secretarias e Departamentos vinculados ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e Gerências de Zoonoses, vinculadas ao Ministério da Saúde ou das Secretarias Estaduais de Saúde.

Utilização do Porco Monteiro

No Pantanal o porco monteiro, além do processo natural de seleção, também vem sendo manejado e selecionado pelos pantaneiros ao longo dos anos. Esta seleção empírica é realizada de três maneiras básicas: 1. seleção de machos mais vigorosos para a reprodução no campo, através da castração dos machos menores, que são capturados mais tarde para ser consumidos nas fazendas; 2. as fêmeas de porco monteiro são capturadas para ser criadas em sistema semiextensivo, onde são fertilizadas com machos de outras raças de suínos, com o objetivo de aumentar a proporção de gordura na carcaça de crias produzidas; 3. fêmeas de outras raças são soltas ao redor da casa para serem fertilizadas por machos de monteiros. O processo de introdução de outras raças vem descaracterizando

o padrão do porco monteiro em algumas regiões, especialmente no sul do Pantanal.

Um programa para a conservação e aproveitamento racional do porco monteiro deve se basear em primeiro lugar na caracterização genética destes animais, que apresentam variações regionais, com o objetivo de estabelecer um padrão racial. Através de uma Associação de criadores de porco monteiro do Pantanal, reconhecida formalmente, se pode estabelecer um plano de manejo nos seguintes moldes: 1. Os reprodutores serão eleitos nas fazendas que tem manejo extensivo, devem ser caracterizados geneticamente, ou seja devem apresentar características previamente estabelecidas para o padrão da raça; 2. Estes animais receberão uma identificação que será controlada pela Associação de criadores de porco monteiro. Eles serão criados em sistema semiextensivo, recebendo ração uma vez ao dia, como complemento ao pastoreio, também será feito o controle sanitário prescrito pela Associação; 3. A carne produzida será comercializada, tanto na forma *in natura* como processada (embutidos, presunto, etc..). Os produtos serão identificados com um selo da origem.

Esta proposta tem o objetivo diferenciar o produto "porco monteiro", com a criação de uma marca, agregando desta forma um valor monetário ao produto, evitando a desaparecimento destes animais que está sendo misturado com outras raças de porco, incluso com javali. Indiretamente esta forma de manejo conjuntamente com a exploração atual, favorece a conservação do Pantanal e a fixação do homem pantaneiro.

No Pantanal as raças de animais domésticos reconhecidas são o bovino pantaneiro, e o cavalo pantaneiro. Analisando estes, seria de estranhar que não houvesse outras raças entre os demais animais trazidos pelos primeiros colonizadores europeus. O porco monteiro tem um padrão de características externas e comportamentais que nos leva a crer que é uma raça a ser considerada como válida.

Pensamos que o porco monteiro é um animal que necessita ser mas difundido entre os criadores, para que se consolide como raça.

Agradecimento

Agradecemos o suporte financeiro da Embrapa e Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect).

Referencias bibliográfica

- ABDON, M. de M.; SILVA, J.S.V.; POTT, V.J.; POTT, A.; SILVA, M.P. 1998. Utilização de dados analógicos do Landsat-TM na discriminação da vegetação de parte da sub-região da Nhecolândia no Pantanal. . *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, 33: 1799-1813.
- ALHO, C.J.R.; LACHER, Jr., T.E.; CAMPOS, Z.M.S. & GONÇALVES, H.C. 1988. Mamíferos da

- Fazenda Nhumirim, Sub-Região de Nhecolândia, Pantanal do Mato Grosso do Sul: Levantamento Preliminar de Espécies. *Rev. Brasil. Biol.* 48(2): 213-225.
- CADAVID-GARCIA, E. A. 1984. O clima no Pantanal Mato-grossense. Corumbá: EMBRAPA/CPAP. 39p. (Circular Técnica, 14).
- GRAVES, H. B. 1984. Behavior and ecology of wild and feral swine (*Sus scrofa*). *J. Anim. Sci.*, 58 (2): 482-92.
- IBAMA_ <http://www2.ibama.gov.br/duvidas/animais.htm>. Acessado em 04/06/02.
- KORSHGEN, L. J. 1987. Procedimientos para el análisis de los hábitos alimentares. In: Rodríguez Tarrés, R. (Ed.) *Manual de técnicas de gestion de vida silvestre*. 4. ed. Bethesda, The Wildlife Society. p.119-34.
- LOURIVAL, R. F. F. 1993. *A caça no Pantanal da Nhecolândia-Corumbá-MS*. Belo Horizonte, 103p. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Universidade Federal de Minas Gerais.
- MAURO, R.A.; POTT,A. e PEREIRA, M. 1997. Una propuesta de modelos de estados y transiciones para una sabana tropical: el Pantanal arenoso. *Ecotropicos* 10 (2): 99-112.
- PAES-HERRERA, R. C. S. 1995. Hábitos alimentares do porco monteiro (*Sus scrofa*) no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul. Monografia do Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" em Ecologia e Recursos Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória -ES. 36p.
- PAES-HERRERA, R.C.S.; SOUZA, R.; HERRERA, H.M. e MAURO, R. A. 1996. Hábitos alimentares do porco-monteiro (*Sus scrofa*) no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul. In: Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômico do Pantanal, 7., Corumbá. Manejo e conservação. Resumos... Brasília: Embrapa-SPI. 200p.
- POTT, A. 1988. Pastagens no Pantanal. Corumbá: EMBRAPA/CPAP. 58p. (Documento, 7).
- PROENÇA, A. C. 1992. Pantanal: gente, tradição e história. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 143p.
- SILVA, J.S.V. e ABDON, M. de M. 1998. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, 33: 1703-1712.
- TISDELL, C., TAKAHASHI, S. 1988. Feral animals in Australia: economic and ecological impact. *Geogr. Sci.*, 43 (1): 37-50.
- VTOROV, I. P. 1993. Feral pig removal: effects on soil microarthropods in a Hawaiian rain forest. *J. Wildl. Manage.*, Bethesda, 57 (4): 875-80.
- WOOD, G. W., ROARK, D. N. 1980. Food habitats of feral hogs in Coastal South Carolina. *J. Wildl. Manage.*, Bethesda, 44 (2): 505-11.